

## CAMPO ABERTO

Gisele Loeblein

gisele.loeblein@zerohora.com.br  
zerohora.com/giseleloeblein  
32184709

Leia outras  
colunas em  
zerohora.com/  
giseleloeblein

# INFLAÇÕES DIFERENTES NA LAVOURA E NA CIDADE

**L**evantamento feito pela Federação da Agricultura do Estado (Farsul) para medir a inflação do agronegócio revelou em 2016 uma tese antiga da entidade. É a de que o aumento de preços dos alimentos não está relacionado com aumento nos valores pagos ao agricultor.

O Índice de Inflação dos Preços Recebidos (IIPR) teve leve alta de 0,28% no último ano. No mesmo período, no entanto, o IPCA Alimentos cresceu 8,61%.

– Muitas vezes, as pessoas associam a alta dos preços da comida ao valor recebido pelo produtor. Mas é a inflação que aumenta os preços dos alimentos, e não o contrário – reforça Antônio da Luz, economista-chefe do Sistema Farsul.

Uma análise entre os percentuais do IIPR e o IPCA Alimentos dos últimos cinco anos (veja arte), corrobora essa explicação. Luz lembra que entre 2013 e 2014, com o argumento de tentar frear a inflação brasileira, o governo federal

isentou a tarifa externa comum do trigo, cobrada para a compra de países de fora do Mercosul. Naquele período, o Rio Grande do Sul produziu safra histórica, de 3,18 milhões de toneladas. E a medida adotada derrubou as cotações do cereal.

– O que se viu foi queda de 25% nos preços do trigo e aumento de 14% do pão – afirma o economista.

Salários, energia elétrica, combustíveis e aluguéis têm peso maior na composição dos preços de alimentos, acrescenta.

A quase estabilidade nos valores recebidos pelo produtor em 2016, bem como a do custo de produção – que fechou com alta de 0,33% – refletem, segundo a Farsul, a questão cambial. Depois de um 2015 com a cotação do dólar batendo a casa dos R\$ 4, no ano passado a situação foi outra. A moeda brasileira ficou mais valorizada. Insumos como fertilizantes tiveram redução média de 19% e ajudaram a puxar o índice de custos para baixo.



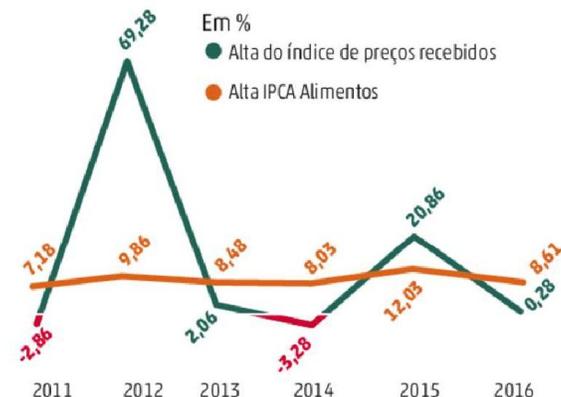
RENATA DANIELIANO

## DE VOLTA À BEIRA-MAR

Acompanhando o movimento dos consumidores, que nesta época do ano, migram para as férias no Litoral, produtores familiares também vão de mala e cuia para a beira-mar. Para trabalhar. A praia de Torres receberá a 5ª Feira Estadual da Agricultura Familiar. O evento, uma parceria entre Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado (Fetag-RS), prefeitura, Emater, Secretaria do Desenvolvimento Rural e Sicredi, será realizado na Praça XV de Novembro, de 1º a 5 de fevereiro, do meio dia à meia-noite.

Serão 52 agroindústrias, com produtos que vão do artesanato aos mais variados alimentos e bebidas.

– Noventa e oito por cento dos produtores estão indo pela primeira vez – diz Jocimar Rabaoli, assessor de política agrícola e coordenador das feiras da agricultura familiar da Fetag-RS. A projeção é de que as vendas, que em 2016 chegaram a R\$ 260 mil, cresçam 15%. Chefe do escritório da Emater em Torres, Jânio Rodrigues Pintos lembra que o evento “é uma ótima oportunidade para comprar produtos de qualidade e origem familiar”.



Fonte: Assessoria Econômica da Farsul

**FARÁ PARADA NO RIO GRANDE DO SUL A MISSÃO VETERINÁRIA MEXICANA QUE DESEMBARCA EM FEVEREIRO NO BRASIL. CONFORME A SUPERINTENDÊNCIA DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, O FRIGORÍFICO PAMPEANO, DE HULHA NEGRA, ESTÁ NO ROTEIRO PREVISTO.**

## EXPECTATIVA PELO EXTRA

Mais um leilão de trigo foi marcado para a próxima semana, no dia 1º. Ontem, as 72 mil toneladas destinadas ao Prêmio Equalizador Pago ao Produtor Rural (Pepro) foram todas negociadas. Como houve disputa, o valor do prêmio teve deságio, ficando em R\$ 170,80 – a partida era de R\$ 211,50.

– Quanto maior a procura, menor é o prêmio que o governo paga – explica Giuliano Ferronato, presidente da Bolsa Brasileira de Mercadorias.

Nas operações de Prêmio para Escoamento da Produção (PEP), foram vendidas 4,2 mil toneladas. A expectativa é pela liberação de R\$ 100 milhões extras para a continuidade do mecanismo.

## NO RADAR

**A INFLUENZA aviária é tema de evento que ocorre hoje na Capital. Presidente da Associação Gaúcha de Avicultura, Nestor Freiberg fará palestra com panorama da atividade e diz que “um bloqueio das exportações seria uma catástrofe para o Estado”.**

## “Precisamos agir de forma sistêmica”

### ENTREVISTA

**PAULO PIRES**  
Presidente da Fecoagro



Com mais de 20 anos de atuação no segmento, o engenheiro agrônomo Paulo Pires, 55 anos, deverá ser confirmado hoje para seu segundo mandato à frente da Federação das Cooperativas Agropecuárias do Estado (Fecoagro-RS). Serão mais três anos, nos quais tem como meta ampliar a profissionalização.

**Como avalia o fato de várias cooperativas do Estado (a Fecoagro contabiliza nove) estarem em liquidação extrajudicial?**

É um instrumento legal. Temos infinitamente menos cooperativas em liquidação do que empresas em recuperação judicial. Ninguém gosta, mas está dentro do contexto nacional da economia. Mas não é um problema do segmento. Pelo contrário, vejo um fortalecimento das cooperativas agropecuárias do Rio Grande do Sul. Há um crescimento no faturamento. A maioria dessas nove em liquidação está nessa condição devido a problemas antigos. As cooperativas do RS se profissionalizaram e melhoraram o desempenho.

**Qual o papel das cooperativas atualmente? Devem seguir o modelo paranaense de industrialização?**

O cooperativismo paranaense só se industrializou depois de se expandir para o Centro-Oeste. Para se industrializar, é preciso ter lastro. As cooperativas do Estado estão se profissionalizando cada vez mais. É nossa meta. E agir de forma mais sistêmica, ou seja, uma cooperativa não pode competir com a outra. Esse é o grande sonho da federação. Temos o exemplo da CCGL, que é uma associação de cooperativas, e a central de compras.

**A entidade vem falando sobre a necessidade de diversificar a produção de trigo? É possível mesmo alterar o modelo de produção?**

Não tenho dúvidas. Estamos procurando um trigo de manejo racional. Podemos focar no mercado internacional, que tem maior liquidez. O trigo tipo pão não vai deixar de ser produzido. O que queremos com o projeto é responder pelas 1,2 milhão de toneladas que os moinhos gaúchos consomem, e o excedente vamos tirar para bem longe. Vamos ampliar neste ano a área de pesquisa feita pela Embrapa.